



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 21

## Terra de ninguém

**Branca Vianna:** Esse é o Rádio Novelo Apresenta.

Eu sou a Branca Vianna.

Essa semana, a gente vai falar de posse.

De coisas que não eram de ninguém – até que alguém foi lá e pegou. A nossa primeira história, na verdade, acaba mostrando como qualquer noção de posse é muito complexa.

Quem tem o direito de ser o guardião de uma coisa, por que, e por quanto tempo. E, nessa história, o tempo não é uma questão de séculos. É uma questão de eras geológicas.

Quem vai guiar a gente nessa viagem no tempo é a Pâmela Queiroz.

---

**Pâmela Queiroz:** Por mais que a gente tente, não é fácil imaginar como o mundo era antes da gente chegar. Ainda mais as paisagens da infância. Os lugares que parece que nasceram assim, do jeitinho que a gente conheceu, e que a gente tem até dificuldade de aceitar que possam mudar... ou que um dia tenham sido diferentes.

Eu cresci no Crato, na região do Cariri, no sul do Ceará. Não sei se você tem uma imagem mental de como é. Mas apesar de ser bem no interior, não é aquela secura do sertão, não.

Pelo contrário. O Crato é uma mancha verde com bastante floresta, conhecido como “Oásis do Sertão”. Mas não tem nenhum grande lago. E fica bem longe do mar.

Pelo menos hoje em dia.

Cê já deve ter ouvido aquela frase. A profecia antiga que diz que o mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar. Os Cariris, o povo que deu nome à minha região, tinham uma lenda assim sobre uma lagoa encantada. Pra eles, o vale do Cariri era um mar subterrâneo prestes a emergir. Eles contavam que lá embaixo da terra, tinha uma serpente dormindo.

A cauda dela era uma pedra chamada “pedra da batateira”. Uma hora, aquela cobra ia acordar e mexer a cauda, a pedra ia sair do lugar, e isso ia destampar a boca das águas. O Cariri inteiro ia ser levado por uma enxurrada, que ia arrastar pra longe todos os homens maus.

Quando as águas baixassem, a terra ia voltar a ser fértil e livre e os Cariri iam recomeçar a vida. Tipo uma Arca de Noé cearense.

Eu lembro do dia, lá pelos meus 8 anos, que eu descobri na escola que essa lenda não era bem uma lenda. E não era bem uma profecia. Tirando a questão da serpente e tal. Nesse dia, a professora da escola me ajudou a entender o que tinha acontecido.

Muito, muito tempo atrás - mais de 100 milhões de anos atrás - aquele sertão tinha sido mar. Na época em que os continentes ainda tavam se descolando, e o Brasil ainda tava se separando da África, a chapada que abraça o Crato hoje era, na verdade, a margem de um imenso corpo d'água. E o pontinho no mapa onde eu nasci ficava mil metros pra baixo da superfície daquela água pré-histórica.

Naquele momento, era como se eu ganhasse um mundo novo. Um mar pra chamar de meu. Eu lembro de sentir como se fosse um segredo, uma chave secreta que, quando eu virava, o mundo mudava de cor.

Mar... sertão. Sertão... mar.

E, não muito longe da minha cidade, tem um lugar que preserva a memória desse mar. Uma cidade menorzinha ainda, chamada Santana do Cariri.

Na época daquela descoberta, eu visitei Santana pela primeira vez. E o que eu mais lembro era que tinha uma estátua de um dinossauro, bem no meio da praça.

Naquela época, já tinha um museu em Santana. Mas eu só cheguei a conhecer adulta, em outubro de 2022. O museu se chama Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens.

**João Eudes:** Aqui é o nosso tesouro, que são os peixes mais abundantes que a gente tem.

**Pâmela Queiroz:** Esse é o João Eudes, um paleoartista que foi meu guia pelo museu. Ele explicou como as condições daquele mar pré-histórico, chamado de Bacia do Araripe, acabaram formando uma fábrica de fósseis.

A verdade é que as condições pra algo ser fossilizado não são tão raras assim. A maior parte do território brasileiro tem sedimentos onde dá pra achar fósseis.

Mas a Bacia do Araripe era especial. As águas eram calmas e muito salgadas. Quando um bicho morria, ele caía lá no fundo e era soterrado rapidamente, abraçado pelo solo, onde não tinha muitos agentes de decomposição.

O resultado era que aquele bicho morto entrava num túnel do tempo pra chegar até a gente, hoje.

**João Eudes:** Algumas espécies fósseis são tão bem preservadas que elas contêm mais informações do que um animal que morreu há uma semana atrás e está em decomposição. A fossilização dá o que chamam de "efeito medusa". É como se imediatamente o animal se transformasse em pedra. Cientificamente falando, não é tão simples assim. Levava alguns milhares de anos para o fóssil se formar, porém a preservação era quase instantânea.

**Pâmela Queiroz:** O "efeito Medusa". Tipo o monstro dos mitos gregos, a mulher que tinha serpentes no lugar dos cabelos. Se você olhasse nos olhos dela, você virava pedra na hora. O que seria uma desgraça terrível pra você ... mas uma maravilha prum cientista do futuro que quisesse saber como você era e como era a vida na sua era geológica.

Esse termo, aliás, "efeito Medusa", foi inventado por um paleontólogo que tava estudando justamente os fósseis da Bacia do Araripe. Tem alguns itens na coleção do museu que mostram bem esse efeito da fossilização quase fotográfica. São fósseis em ação. Como se os bichos tivessem sido flagrados pela Medusa naquele instante.

Tal dia, um peixe engoliu outro, engasgou e morreu na hora. Aí a presa e o predador caíram na lama fofa e entraram pra eternidade.

**João Eudes:** Olha que incrível, um olho preservado do peixe. Para você ver o nível de preservação, porque o olho é a primeira coisa que vai embora, né, quando um organismo morre.

**Pâmela Queiroz:** Talvez cê já tenha ouvido falar na pedra cariri, que é extraída dessa mesma região. Então, junto com ela, quase sempre vem uma porção de peixinhos.

**João Eudes:** Esse é o *Dastilbe crandalli*, que é o fóssil mais abundante que a gente tem. 90% dos fósseis da Bacia do Araripe é esse peixinho. Que ele geralmente é o primeiro fóssil que muitas pessoas têm acesso, que vai estar em bordas de piscina, casas onde ainda usam o calcário laminado em construção. Eu acho que nunca vi um local que tem calcário, que não aparece pelo menos um peixinho desse.

**Pâmela Queiroz:** Lá no Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, tem muitos *Dastilbe crandalli*. Tem muito peixe. Muita aranha. Muito inseto. Mas talvez você veja percebendo um elefante na sala.

Ou a ausência de um elefante na sala.

Ou a ausência de algo bem maior que um elefante na sala.

**João Eudes:** O pessoal fica indignado quando vem aqui e a gente fala que só tem um dinossauro.

**Pâmela Queiroz:** Por um lado: sim, a gente tá falando de um mar pré-histórico. É natural que tenha muito mais fóssil de peixe. Mas não é por isso que o Museu só tem um dinossauro. Ou melhor: não é só por isso.

**Aline Ghilardi:** Pra contar essa história, a gente vai ter que voltar lá pra 2020, dezembro de 2020, que foi o ano de publicação do trabalho.

**Pâmela Queiroz:** Essa é a Aline Ghilardi, que é professora de paleontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e vai levar a gente de volta prum passado não tão distante. Faltando umas duas semanas pro Natal de 2020, apareceu uma notícia muito boa.

**Aline Ghilardi:** Dia 13 de dezembro de 2020, é publicado na revista específica de paleontologia, na revista científica específica da área da paleontologia, a revista *Cretaceous Research*, o fato de uma nova espécie de dinossauro brasileiro que foi chamada, foi batizada de *Ubirajara Jubatus*.

**Pâmela Queiroz:** *Ubirajara Jubatus*.

**Aline Ghilardi:** Bom. Quando a gente – a gente aqui, entenda-se os paleontólogos brasileiros e alguns paleontólogos interessados nesse tópico – se deparou com esse artigo, o primeiro sentimento sempre é de alegria. “Olha que legal, um fóssil brasileiro importante sendo descrito”. Mas esse fóssil, ele trazia algumas coisas mais legais que isso. Ele era o primeiro fóssil de um dinossauro não aviano, ou seja, um dinossauro que não é uma ave – lembrando que aves são dinossauros, tá? – Então, de um dinossauro não

aviano preservado com penas do hemisfério sul do planeta. Isso era muito grande.

**Pâmela Queiroz:** O Ubirajara Jubatus era um dinossauro que não voava. Mas ele tinha uma plumagem. Um monte de penas bem pequenininhas que formavam tipo uma juba na altura dos ombros. Por isso que ele tem o nome jubatus. E a Aline falou ali que as aves são dinossauros. Por causa daquilo que você já deve ter ouvido falar, da linhagem que conecta os dinossauros com as galinhas, por exemplo.

Mas qualquer linhagem paleontológica vai ter buracos, peças que tão faltando no quebra-cabeça. E o Ubirajara parecia ser uma dessas peças. O primeiro desse tipo do Hemisfério Sul.

Um dinossauro com penas, mas que não voava. Até onde a gente sabe, a plumagem dele talvez servisse pra chamar a atenção das fêmeas. Olhando as reconstruções, ele parece um pavão meio mal-diagramado, mas não deixa de ser charmoso pra caramba. A notícia só ia ficando mais e mais incrível.

**Aline Ghilardi:** E mais louco ainda, o primeiro fóssil de dinossauro que saiu de uma unidade de rochas específicas ali da Bacia do Araripe, o primeiro dinossauro não aviano da formação Crato, então vinha cheio de novidade, e isso era muito legal.

**Pâmela Queiroz:** Mas...

**Aline Ghilardi:** Mas aí começa uma sequência assim, de decepção. A primeira delas é olhar os autores, o artigo, todos eles, a maior parte deles europeus, todos eles estrangeiros. "Isso é um problema?" Eu, Aline, particularmente não vejo como um problema. Desde que essas pessoas tivessem todas as autorizações para trabalhar com esse material.

**Pâmela Queiroz:** Só que a Aline e outros colegas ficaram super intrigados com essa história, e foram investigar. Os cientistas que tinham publicado o trabalho diziam que tinham obtido uma autorização pra retirar o fóssil de lá em 1995, e que ele só tinha sido estudado agora.

Ok, até pode ser.

Mas o órgão que eles diziam que tinha autorizado a retirada... não era o órgão que fazia isso na época. Esquisito.

E tem outra. Se o fóssil tinha sido realmente descoberto em 1995, como eles tavam dizendo... isso significava muita coisa.

**Aline Ghilardi:** O primeiro fóssil descrito para ciência de um dinossauro, de um dinossauro que não é uma ave, de um dinossauro não aviano com penas descrito no mundo, de toda a história do mundo, foi em 1996. Esse fóssil saiu da China. E isso causou uma revolução na paleontologia da China. De repente, a China virou assim a pupila dos olhos da paleontologia de dinossauros do mundo e muitos cientistas se voltaram para a China para querer estudar esses materiais. A China investiu horrores na ciência paleontológica local, criou vários institutos de pesquisa geológica com foco em paleontologia, museus, enfim, e financiou pesquisadores para desenvolver esse tópico por conta dessa descoberta que era simplesmente uma das maiores descobertas de todos os tempos da paleontologia. E aí você para e pensa que um dinossaurinho com penas tinha sido retirado do país do nosso país em 1995.

**Pâmela Queiroz:** A Aline não conseguia parar de pensar em como a história poderia ter sido diferente.

**Aline Ghilardi:** O que a gente faz quando a gente está muito triste e puto? A gente vai reclamar na internet. Então, o que eu fiz como paleontóloga e divulgadora científica? Fui para o Twitter e construí um fio explicando a parte interessante, legal da descoberta desse material, mas atentando também para essa parte mais obscura envolvendo a descrição desse fóssil. E, no último tweet desse fio, eu uso a hashtag Ubirajara Belongs to BR. Traduzindo pro Brasil, pro português brasileiro, é "Ubirajara pertence ao Brasil".

**Pâmela Queiroz:** Essa hashtag começou a se espalhar: Ubirajara pertence ao Brasil. Agora, pra falar sobre o que pertence a quem nessa história toda, eu queria pedir licença pra gente falar um pouco sobre legislação. Aliás, pra fazer isso, a gente vai ter que voltar no tempo de novo, bem rapidinho.

Foi nos anos 40, durante o governo do Getúlio Vargas que o Brasil começou a mapear e conhecer a geologia do país de forma mais organizada.

**Aline Ghilardi:** E uma das pessoas chave nessa história toda é um importante paleontólogo brasileiro, um dos primeiros paleontólogos brasileiros que é Llewellyn Ivor Price. Apesar do nome e a naturalidade dos pais dele serem norte-americanos, ele nasce aqui no Brasil e vai ser um dos primeiros paleontólogos, geração paleontólogo brasileiro mesmo.

**Pâmela Queiroz:** E nessa época do Getúlio, o Llewellyn Ivor Price trabalhava no Departamento Nacional de Produção Mineral. E ele manjava muito de fósseis. Ele viajava o Brasil inteiro, coletava materiais, estudava...

**Aline Ghilardi:** E diz-se que Getúlio Vargas, ao visitar uma região que é de Minas Gerais por conta das águas termais ali, uma região que tem a ocorrência

de fósseis, acabou se interessando por esse tema, e acabou tendo a oportunidade de conversar com esse paleontólogo, Llewellyn Ivor Price, que falou sobre o potencial dos fósseis brasileiros não só serem estudados, mas serem aproveitados para turismo próprio, turismo geológico e tudo mais.

**Pâmela Queiroz:** Eu fico imaginando o Price pendurado no ouvido do Getúlio falando de fósseis sem parar. Só sei que depois desse encontro, em 1942, Getúlio promulgou a primeira lei sobre fósseis encontrados no Brasil. A partir dali, não podia vender esses achados sob nenhuma hipótese – e, se fosse tirar do país, precisava de autorização.

Ao longo das décadas seguintes, essa legislação foi sendo refinada. Na Constituição de 88, ficou estabelecido que fósseis são patrimônio cultural da nação. E a partir de 95, veio uma lei que apertou ainda mais as regras do jogo. Agora, prum estrangeiro estudar um fóssil do Brasil, tem que ter um convênio com uma instituição brasileira. E se for um fóssil de uma espécie nova, o material pode até sair pra ser estudado, mas depois tem que voltar pra cá.

Só que, enfim, isso é a lei, né? A prática é outra coisa. A Aline me contou que o tráfico de fósseis é um problema bem antigo, que afeta o Brasil e vários outros países.

**Aline Ghilardi:** Aqui na região do Araripe, no sul do Ceará, divisa ali com Pernambuco e Piauí, a gente tem um índice, assim, estratosférico de tráfico de fósseis ainda acontecendo. O que acontece ali? A rocha onde os fósseis ocorrem, ela está sendo explorada para a produção de revestimentos de piso, etc. Os fósseis aparecem quando essa exploração está acontecendo. E é normal, tá, gente? Inclusive, é até benéfico para a paleontologia sobre um ponto, porque, à medida que essa rocha está sendo explorada legal, os fósseis aparecem. Se não estivesse sendo explorada, eles não apareceriam. Então está tudo bem. O que acontece é que, à medida que os fósseis aparecem, eles são resgatados ou deveriam ser resgatados pelos paleontólogos locais. Mas algumas frentes, elas não são oficializadas, E a situação de trabalho de muitos desses trabalhadores ali, ela é bastante precarizada.

**Pâmela Queiroz:** Nessa situação, a taxa de câmbio fala mais alto. Os trabalhadores ganham super pouco. Os fósseis surgem naturalmente conforme eles vão fazendo o trabalho deles. Daí chega alguém, oferece um dinheiro que pra eles é muito – cem reais, duzentos reais – e acaba levando um fóssil que pode valer centenas de milhares ou até milhões de dólares.

Quando eu tava em Santana do Cariri, eu aproveitei pra ir numa pedreira local, a 15 minutos do centrinho da cidade. Da garupa de uma moto, eu via sítios na beira da estrada e um horizonte tomado por plantas da caatinga.

A pedreira ficava no final de uma estrada empoeirada. Uma névoa branca amarelada pairava no ar e grudava na roupa preta que eu tava usando. Era tão inóspito que parecia impossível que tivesse existido vida ali, mesmo que centenas de milhões de anos atrás.

Pelas laterais do caminho, tinha pilhas imensas de calcário laminado quebrado. Pareciam prédios de 10 andares de entulho natural. E tinha um barulho que ia aumentando conforme eu me aproximava da pedreira.

Quando eu cheguei ali no paredão onde a extração tava acontecendo, já era ensurdecedor. O lugar tava tomado por máquinas e homens – os trabalhadores, de roupas azuis e tampões de ouvido amarelos, tavam fatiando um grande bloco em pequenos quadrados de pedra.

A gente que trabalha com som fica super incomodada se tem uma makita rolando numa obra, cortando porcelanato durante horas, perto da gente. Mas na pedreira, era essa barulheira o tempo todo, e ainda sob o sol do sertão. Eu tentei conversar com vários trabalhadores lá, mas eles tavam bem desconfiados e monossilábicos.

**Pâmela Queiroz:** E o senhor já encontra muito fóssil?

**Antônio:** Não.

**Pâmela:** Não, nenhum? Mas rapaz...

**Pâmela Queiroz:** Um deles contou que quando aparecia algum fóssil ali na pedreira, eles guardavam e davam pro pessoal da universidade. Mas muitos deles tavam dizendo que nunca tinham visto um fóssil ali.

**Cleudo:** Rapaz, é difícil encontrar aqui, viu.

**Pâmela:** Nem os pequenininhos?

**Cleudo:** É difícil demais.

**Pâmela Queiroz:** Todas as conversas foram assim.

Depois, na conversa com a Aline Ghilardi, ela disse que esse silêncio tinha motivo. Em outubro de 2020, teve uma operação da Polícia Federal chamada "Santana Raptor" que tava tentando quebrar justamente a rota do tráfico de fósseis do Araripe.

Muita gente – inclusive pesquisadores importantes – foi investigada por fazer parte dessa rota. Só que quem acabou punido foi o povo dali da região. E desde então, o medo se espalhou entre os trabalhadores das pedreiras. Lógico, quem comete um crime tem que ser responsabilizado. O problema é que a corrente arrebenta sempre no elo mais fraco – e a gente sabe bem quem é responsabilizado e quem não é.



Lá na pedreira, quando eu falei que ia embora e comecei a me despedir deles, o rapaz que eu tinha sentido que mais simpatizou comigo me chamou prum canto.

**Pâmela:** Aqui será o quê, hein?

**Eliezer:** Acho que deve ser um gafanhoto.

**Pâmela:** É , pode ser. Lindo, muito bonito.

**Pâmela Queiroz:** O gafanhoto fossilizado tava preso num pedaço de pedra que cabia na minha mão. Ele parecia muito com os gafanhotos que a gente conhece hoje. O corpo era um pouco mais achatado, e as pernas eram de uma cor laranja meio terrosa.

**Eliezer:** Quer levar?

**Pâmela:** Para mim? Ah, rapaz...

**Pâmela Queiroz:** Eu não vou falar que eu não me senti um pouco tentada. O bichinho era lindo. Mas depois de ouvir falar tanto sobre os males do tráfico de fósseis, eu não tinha como aceitar. Eu só tirei uma foto de lembrança, que inclusive tá lá no site da Rádio Novelo.

Na viagem pra Santana, eu conversei com alguém que já teve nessa mesma situação. Na verdade, é alguém que viveu uma versão bem mais extrema dessa situação.

**Natanael Alves:** Eu me lembro quando era criança, eu assisti ao Jurassic Park.

**Pâmela Queiroz:** Esse é o Natanael Alves, hoje ele é professor de geografia.

**Natanael Alves:** Eu fiquei impressionado com aquilo tudo e fiquei assim: "meu Deus, eu quero ser– eu quero ajudar esse dragão". Eu falava "dragão". E logo em seguida, acho que uma semana depois de eu ver o filme, eu fui ao Museu de Santana. Aí eu vi lá aquele dinossauro que tem lá... aí eu fiquei apaixonado mesmo, né? Então é desde cedo, mesmo, que a gente vem construindo essa questão do interesse. A minha infância foi procurando "pedras de peixe". Como a gente chamava quando era criança, não chamava fóssil, né, chamava de "uma pedra de peixe".

**Pâmela Queiroz:** Tinha muitas "pedras de peixe" na região onde o Natanael morava. Qualquer pessoa que tivesse caminhando por perto de um riacho, pronto, achava uma "pedra de peixe".

A maior parte das pessoas só achava bonito e guardava. Mas o Natanael começou a ficar com vontade de estudar os fósseis. Ele chegou a juntar vários pra fazer uma exposição numa feira de ciências.

Depois, no Ensino Médio, ele conseguiu uma vaga como assistente de pesquisa de uma paleontóloga, a Helena Hessel. Eles passaram 30 dias coletando fósseis.

**Natanael Alves:** Eu rodei isso tudo, aqui. Eu não fiquei só na área que eu já conhecia, que via fósseis, e encontrei outras áreas que têm fósseis e outros riachos que têm fósseis. E quando eu cheguei nesse riacho, na parte de cima, não num leito de riacho, encontrei vários buracos. E eu pensei: eu acho que essa área já foi utilizada por essas pessoas que vendiam fósseis, e eu achei muitos, muitos buracos, que a gente vê que não eram buracos naturais, não eram ravinas naturais e eu saí procurando assim. E eram muitos mesmo.

**Pâmela Queiroz:** Quem me passou o contato do Natanael foi o museu de paleontologia da cidade. Isso por causa do que aconteceu na sequência disso que ele tá contando.

O Natanael fez esse trabalho juntando fósseis, catalogou tudo, fez uma triagem básica, e ficou esperando pra avançar no trabalho de pesquisa com a professora. Mas ela não conseguiu dar continuidade ao trabalho ali em Santana – e os fósseis ficaram com Natanael.

E eram muitos. Mil e cinquenta fósseis no total. Passou um ano, dois, vários... e os fósseis tavam ali, na casa de Natanael.

Então, em janeiro de 2020, ele entregou todo esse material pro museu.

**Natanael Alves:** Porque salvaguardar esse material tem que ser da maneira correta. E no museu, não é na nossa casa. Mas eu acho tão lindo. Eu vou cuidar dele. Mas se você cuidar dele na sua casa, ele não vai ter o impacto. Ele não vai ser um patrimônio de todos. Você vai estar ali guardando o patrimônio pra você. Sem contar que se considera como crime. Esse fóssil é importante para toda a comunidade, para a comunidade científica, para a comunidade acadêmica, para a comunidade local, mesmo que não estude a área. Mas é importante porque é um patrimônio

**Pâmela Queiroz:** A história do Natanael chamou a atenção – e, depois disso, vários outros moradores entraram em contato anonimamente com o museu pra falar que tinham fósseis em casa e que queriam entregar.

A ideia do Natanael é mudar a relação da população local com os fósseis. Mudar a noção de posse. De que uma "pedra de peixe" possa pertencer a uma ou outra pessoa, de que se possa vender. E ele me contou que todo esse fascínio dele com os fósseis veio de família.

**Natanael Alves:** O meu avô falou “Antigamente, em cada lugar a gente encontrava pedras de peixe” – para eles, são pedras de peixe ainda, eles não, não costumam falar fósseis. “A gente encontrava pedras de peixes do meu tamanho“. Eles falam: “a gente ia, que ia fazer o plantio, ia fazer o roçado e às vezes a enxada batia em uma pedra de peixe, a gente ficava olhando, admirando”. Desde que eu era criança, eu ouvia, ficava sonhando com encontrar uma pedra de peixe que fosse do meu tamanho. E eu ficava, nossa, imagina se eu encontrar uma pedra de peixe do meu tamanho! Hoje sou um metro e 90 alguma coisa, imagina?

**Pâmela Queiroz:** O Natanael me contou que os avós dele moravam na mesma rua dele, e me convidou pra ir lá. Eu aceitei, claro.

Cícero Pereira, vô do Natanael, explicou essa história de "quebrar" as pedras. É um tipo de formação fóssil que faz como se fosse uma bolota de pedra, com o fóssil no meio. Se você bate no ângulo certo, a pedra abre, e o fóssil se revela.

**Cícero Pereira:** Você batia no vinco que ela tinha, abria as duas bandas, cê via a ossada do peixe direitinho, as escama que o peixe tem. E assim que você abria, sentia o cheiro de puro gás, que um cheiro assim, como se fosse um lugar abafado.. e ele soltava aquele ar.

**Pâmela Queiroz:** O ar que as pedras soltavam talvez fosse de carbonato de potássio. Que é uma das substâncias que ajudam a preservar o fóssil durante milhões de anos. Aquilo era como abrir uma janela pro passado.

**Cícero Pereira:** O pessoal passava aqui – "rapaz, que pedra bonita!" Levava. Diz que para São Paulo foi um bocado delas.

**Pâmela Queiroz:** Pra São Paulo, pra longe, pro mundo. Pouquíssimas delas voltaram. O Natanael entregou pro museu os fósseis que ele tinha coletado em janeiro de 2020. Dois anos e meio depois, a milhares de quilômetros de distância do Cariri, o governo alemão bateu o martelo: por causa de todas as irregularidades que tinham sido constatadas, o Ubirajara Jubatus não podia ficar na Alemanha.

O diretor do museu onde o Ubirajara tava foi afastado. Um paleontólogo alemão envolvido no caso foi aposentado compulsoriamente. E o dinossauro com penas ia voltar pra Bacia do Araripe.

Só que isso foi em julho de 2022. E, até agora, nada do Ubirajara voltar.

Durante todo esse processo, eu preciso dizer que tinha gente argumentando contra. Dizendo que o Ubirajara – na verdade, qualquer fóssil – não pertence a um país. Pertence ao mundo, à ciência. E que ele tem que ser estudado nas instituições que têm as melhores condições pra isso.

Do tipo: pra que guardar coisas aqui, se aqui não tem dinheiro pra ciência? Se o nosso Museu Nacional pegou fogo? Eu perguntei isso pra Aline.

**Aline Ghilardi:** E aqui vão algumas respostas para esse argumento que— que tem que fazer a gente refletir. Uma delas é meio bobo, mas é importante a gente lembrar que isso acontece lá fora também.

**Pâmela Queiroz:** A Aline lembrou que, pouco depois do incêndio no Museu Nacional, a Catedral de Notre-Dame pegou fogo em Paris. Isso só pra dar um exemplo. Ela também citou outros arquivos pelo mundo que passaram por inundações e perderam materiais históricos.

**Aline Ghilardi:** Eles não conseguiram recuperar os documentos, enquanto o Museu Nacional está servindo de referência mundial para o resgate de material depois de um desastre. Então, primeira coisa a gente lembrar que isso acontece lá também. Segundo argumento que pode surgir é: "mas aqui acontece com mais frequência". Vamos lá. Como é que a gente investe na infraestrutura de um museu? Pra um museu ter investimento ele precisa ter arrecadação ou ele precisa ter um bom material dentro dele que justifique investir na sua infraestrutura. Ele tem que ter visitantes. Se não é para que não venha investir nesse prédio velho. Quando é que o museu tem visitantes? Como é que o museu produz ciência? Quando ele tem bons materiais.

**Pâmela Queiroz:** Pra ter investimento, um museu precisa fazer pesquisa e precisa ter visitantes. E pra ter pesquisa e visitantes, ele precisa ter bons materiais. No caso de um museu de paleontologia, ele precisa ter bons fósseis.

Mas o que acontece no Brasil é que os fósseis vão pra fora, pra outros países. O museu lá vende ingresso pras pessoas verem os fósseis. As pessoas que vão visitar o museu ficam num hotel, comem num restaurante. Estudantes de lá podem estudar o fóssil. Pesquisadores locais também. Eles podem escrever textos e livros sobre o fóssil – e esses livros e artigos acabam sendo vendidos de volta pro Hemisfério Sul, pra quem quer estudar os fósseis da própria região.

**Aline Ghilardi:** A gente perde o patrimônio. A gente perde na formação de pessoas, a gente perde na economia local, a gente perde na produção científica, tem menos investimento e vai cada vez ficando pior. Então perde por todos os lados.

**Pâmela Queiroz:** Aliás, a Aline e outros paleontólogos da América do Sul tão fazendo uma investigação pra entender quantos outros Ubirajaras existem ou existiram até aqui. A pesquisa constatou que 88% dos fósseis da Bacia do Araripe

que já foram descritos pela ciência tão fora do Brasil. E não existe documentação comprovando que eles foram tirados daqui de forma legal.

Mas teve uma surpresa boa no meio dessa história toda. Enquanto os diretores do Museu Plácido Cidade Nuvens, de Santana do Cariri, tavam brigando pra ter o Ubirajara de volta, um pesquisador da Universidade do Kansas entrou em contato com eles. A universidade queria devolver um lote de aranhas fossilizadas que tava lá – mas não tinha sido tirado do Brasil da maneira correta. Entre as aranhas que voltaram, tem até uma batizada em homenagem à Pablllo Vittar.

Logo no começo da nossa conversa, eu tinha perguntado pra Aline o seguinte: "o que é que os fósseis dizem sobre a gente?"

**Aline Ghilardi:** Os fósseis, eles ajudam a gente a responder algumas das perguntas mais fundamentais que a gente tem como ser humano, que é: quem a gente é, e da onde a gente veio. E, ousado dizer, ajudam a responder a pergunta: para onde a gente vai. Os fósseis, além de contar a história de toda a vida do nosso planeta – a gente incluso aí – ajudou a contar a história da própria variação do clima e dos ambientes desse planetinha que é a nossa nave cósmica. E, conhecendo essa história, olhando para o passado, a gente percebe que eventos se repetem, e que a gente vai acumulando sabedoria ao interpretar esses eventos para saber o que está acontecendo hoje e o que pode acontecer no futuro.

Os seres humanos, eles interagem com fósseis. Já tem isso na pré história. Só que na pré-história, quando a gente encontrava esses materiais e a gente não tinha um método específico para estudar eles, a gente buscava encontrar a explicação que tivesse mais ao nosso alcance. E assim nascem muitos mitos, lendas e até mesmo bases fundamentais, quem sabe para algumas religiões. Então, os fósseis eles também fazem, fazem parte da nossa cultura, o desenvolvimento da nossa cultura humana. E eu vou dar um exemplo aqui para você, de uma história que a gente – que é bem conhecida hoje sobre como os fósseis participam da nossa formação, da formação da cultura humana. Provavelmente vocês já ouviram falar da Grécia Antiga e já ouviram falar dos ciclopes, que são seres humanos ou monstros gigantes que tinham um olho só na cabeça. Além da ciclopes, ela nasce a partir da descoberta de fósseis, do crânio da cabeça, o osso da cabeça do crânio de parentes fósseis dos elefantes atuais, que eram encontrados lá nessa região. E eu não sei se você já teve a oportunidade, mas se você não teve e ainda tem a curiosidade de ir no Google e procurar como é um crânio de um elefante, você vai ver que é bem no meio do crânio de elefante tem um buraco bem grande e é dali que sai a tromba dele. E os gregos antigos, quando encontravam esses fósseis de parentes antigos dos elefantes, viam esses crânios e achavam que ali ficava um olho de um ser gigante, que seria um ser humano gigante, um monstro de um olho só. Mas não é a única lenda ou mito criado a partir de fósseis.

**Pâmela Queiroz:** Tem histórias de povos originários do Brasil sobre fósseis também. Tem uma sobre monstros que aterrorizavam o que é hoje o estado de Alagoas. O único jeito de matar eles era esperar até que eles dormissem. Eles pegavam no sono na beira do lago. E algum valente podia chegar, empurrar o monstro pra dentro da água, e ele afundava. Quando o lago secava, apareciam os ossos gigantes. Só podia ter sido assim.

Eu fiquei pensando na cobra do vale do Cariri, e na pedra da batateira. Em profecias que são espelhos do nosso passado remoto, e em lembranças do nosso passado remoto que apontam pro nosso futuro.

Quem sabe o Ubirajara inaugura um novo capítulo na nossa história. A lenda do dinossauro que foi e voltou.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Pâmela Queiroz, colaboradora da Rádio Novelo.

Um jeito clássico de tomar posse de um negócio é fincar uma bandeira. Na maior parte das vezes, a gente usa isso como metáfora. Mas, nessa próxima história, tem uma bandeira literal. E ela mostra como fincar uma bandeira nem sempre resolve a questão.

Quem descobriu essa história – e fincou a bandeira dela aí – foi a Bárbara Rubira.

---

**Bárbara Rubira:** Quando cê era criança, cê brincava de faz de conta? De pirata, veterinária, cantora... E de rei, de rainha, de princesa? Esse é um clássico, né? Quando a gente é criança, a ideia de realeza parece tão glamurosa... E, pra muita gente, continua sendo, mesmo depois de crescido. Milhões de pessoas no mundo inteiro ficam vidradas na TV cada vez que um membro da família real britânica se casa.

Mas o "faz de conta" fica pra trás, né? A gente cresce, fica chato, para de brincar. Agora, e se não ficar pra trás? E se a fantasia continuar?

Hoje, eu vou contar uma história de realeza. E essa história de realeza se passa num reino muito perto daqui.

Reino não, desculpa. Principado. Um principado pertinho da costa brasileira.

O nosso cenário é a Ilha da Trindade.

**Martin Kämpf:** Ela fica aí a pouco menos de 1200 quilômetros do litoral do Espírito Santo, né?

**Bárbara Rubira:** Quem me contou sobre a história da Ilha da Trindade foi o Martin.

**Martin Kämpf:** Meu nome é Martin Kämpf, eu sou diplomata de carreira. Eu quando estava no Instituto Rio Branco, o meu mestrado foi sobre a ocupação britânica da Ilha da Trindade...

**Bárbara Rubira:** O Martin passou muitos anos estudando toda a história da Ilha da Trindade, pra tentar entender melhor uma disputa diplomática sobre o território que rolou no fim do século 19 entre o Brasil e a Inglaterra.

Mas a história que eu quero contar hoje é outra:

**Martin Kämpf:** No qual então me deparei com a história do Barão Harden-Hickey, que me pareceu bastante inusitada e acho algo um pouco anedótico também.

**Bárbara Rubira:** A história do Barão Harden-Hickey. Guarda esse nome. Harden-Hickey.

Porque, antes de chegar nela, eu pedi pro Martin me contar um pouco da história da Ilha da Trindade antes do Barão.

**Martin Kämpf:** O registro que se tem é que a ilha teria sido descoberta no início do século XVI, 1500 e pouco, por um navegador português.

**Bárbara Rubira:** O navegador seria o João da Nova, que na verdade era espanhol da Galícia, mas tava a serviço da Coroa Portuguesa. Ele teria avistado a ilha em 1501. Nos anos seguintes, a ilha teve a posse reconhecida pelos portugueses e foi batizada com o nome que tem até hoje, em homenagem à Santíssima Trindade.

**Martin Kämpf:** É uma ilha montanhosa, tem uma formação até que parece que eles chamam de Pão de Açúcar. Lembra um pouco o Pão de Açúcar no Rio de Janeiro. E ela tem uma característica também, vários relatos que ela é difícil de atracar, ou seja, não tem um porto natural. É difícil um barco chegar até ela. Então, por questão de movimentação da água, maré e correnteza, enfim, tem essa dificuldade natural de atracar na ilha.

**Bárbara Rubira:** A ilha tem pouco mais de 10 quilômetros quadrados de área, um terreno acidentado e picos que chegam a 600 metros de altura.

A paisagem de hoje é diferente da de 1500. E logo você vai entender por que. Mas naquela época, ela era coberta de mata. Muito verde e montanhas no meio de um mar muito azul. E vivendo lá, caranguejos, tartarugas, aves de vários tipos. Coisa linda mesmo, paradisíaca.

E mesmo com toda a dificuldade pra atracar, ainda assim tinha gente que passava pela ilha, durante toda aquela era das "grandes navegações"

**Martin Kämpf:** Inclusive, tem outro aspecto anedótico da ilha que conta-se que em 1700, o astrônomo britânico Edmond Halley...

**Bárbara Rubira:** Edmond Halley, o cara que descobriu o cometa Halley.

**Martin Kämpf:** O astrônomo britânico Edmond Halley teria passado pela ilha e, encontrando ela deserta, achou que ela não tinha dono. Então ele tomou posse da ilha para o governo britânico e deixou lá algumas cabras pra se porventura algum náufrago parasse, ficasse na ilha, ele ia ter algum alimento. Só que essa história das cabras levou a um impacto ambiental muito grande, porque as cabras dizimaram a vegetação da ilha.

**Bárbara Rubira:** Essa coisa de deixar animais não foi invenção do Halley, era uma prática até que comum na época. Além das cabras, ele deixou porcos também, inclusive.

Agora, esse papo de achar que "não tinha dono" não cola. Quando o Halley escreveu sobre isso, ele já se referia à ilha como "Trinidad". Se ele sabia o nome dado à ilha pelos portugueses, devia saber a quem ela pertencia... Mas quem sabe ele achou que tava abandonada, vai.

Voltando aos bichos: a presença das cabras na ilha acabou levando à extinção da árvore mais característica da vegetação local: a Colubrina glandulosa, conhecida também como Sagaraji. A estimativa é que no século 17, uma mata densa dominada principalmente por essa espécie cobria cerca de 80% do território da ilha.

Na década de 1880, expedições que passaram por lá já relatavam uma floresta morta. No meio do século passado, um naturalista do Museu Nacional visitou a ilha pra coletar amostras e achou um último espécime vivo da árvore.

Foi só muito recentemente, nos anos 2000, que a Marinha Brasileira conseguiu acabar de vez com todas as cabras da Trindade. Cada uma delas foi caçada. Mas aí o estrago pro ecossistema já tava feito.

Essa tentativa do Halley de tomar posse da ilha em nome dos ingleses com as cabras não deu muito certo. Só vários anos depois, em 1781, é que o governo britânico foi tentar tirar proveito disso. Mas isso incomodou os espanhóis, que



queriam controlar as rotas comerciais da região e reclamaram com os portugueses. Aí a coroa portuguesa mandou os ingleses embora.

**Martin Kämpf:** Avançando um pouco mais no tempo... Quando houve a independência do Brasil, na minuta da primeira Constituição Brasileira, ela constava como território brasileiro. Mas aí, depois, na Constituição final, que o Dom Pedro outorgou, essa parte já não estava lá.

**Bárbara Rubira:** Só pra esclarecer: a Constituição do Dom Pedro não estipula os limites territoriais do país. Não é que a ilha da Trindade ficou fora do que foi determinado como o território brasileiro.

**Martin Kämpf:** E... mas, mesmo assim, o Império a considerava como parte do território brasileiro. E houve visitas por navios da Marinha brasileira... há, inclusive, um artigo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na época do Império, sobre a ilha, detalhando a vegetação com aspectos geográficos. Então, havia um certo conhecimento sobre a ilha por parte do governo e havia uma certa presença estatal, ainda que não a presença de fato de pessoas ocupando a ilha. Ah, só, só fazendo um parênteses ainda também tem uma outra história interessante e que conta-se que tem uma lenda de que haveria um tesouro pirata na ilha.

**Bárbara Rubira:** Tesouro pirata. Pois é, ao longo dos séculos, entre as navegações que sofreram pra atracar na Trindade, tavam alguns navios piratas. E daí veio a história de que teria um tesouro escondido na ilha, que permanece até hoje.

Essa lenda só servia pra atrair ainda mais navegadores pra ilha, vindos de todas as partes do mundo. E talvez tenha sido isso mesmo que atraiu o nosso personagem principal aqui.

**Martin Kämpf:** E aí, voltando pra história do Barão Harden-Hickey...

**Bárbara Rubira:** O Barão Harden-Hickey.

Pra contar a história do Harden-Hickey, a gente vai sair da costa brasileira um pouquinho e viajar até os Estados Unidos.

Os registros variam um pouco sobre as datas e locais exatos da biografia do cara, mas o consenso é basicamente o seguinte:

James Harden-Hickey nasceu em 1854, na Califórnia. O pai dele tinha feito uma grana na época do "gold rush", a corrida do ouro na costa oeste americana. A mãe dele era francesa, e mandou o filho pra morar e estudar em Paris ainda pequeno.

E, lá na França, tudo indica que o Harden-Hickey se deu muito bem. Ele fez umas amizades na corte do Napoleão III — que era o sobrinho do primeiro Napoleão, aquele baixinho que a gente conhece.

O Napoleão III tinha sido eleito presidente em 1848, mas ele logo deu um golpe de estado e se proclamou Imperador da França. Em 1870, ele foi deposto, e alguns anos depois ele foi exilado, depois da proclamação de uma nova república francesa.

E o Harden-Hickey, que já tava super integrado na corte e na sociedade francesa do segundo império, não gostou muito da mudança política. Ele era um monarquista ferrenho — coisa de família, parece. Os antepassados dele seriam irlandeses que se mandaram da Grã-Bretanha acompanhando a família real inglesa, quando ela ficou exilada no século XVII.

Em 1878, o James Harden-Hickey se casou pela primeira vez e fundou um jornal, o Le Triboulet (perdoem o meu francês). Era um periódico satírico, que fez o Harden-Hickey ganhar fama em Paris pelas críticas ao regime republicano.

**Martin Kämpf:** Então, já era um personagem interessante nessa época. E o título de barão dele também não é muito pacífico na literatura. De onde teria vindo esse título de barão?

**Bárbara Rubira:** Pois é, ele era barão do quê, mesmo?

**Martin Kämpf:** Alguns registram que ele seria Barão do Sacro Império Romano-Germânico, que é uma entidade política que já tinha sido extinta há 50 anos antes dele nascer. (risos)

**Bárbara Rubira:** Outras fontes dizem que ele teria ganhado o título de nobreza do Papa. O Harden-Hickey, nessa época, era católico.

Mas voltando à carreira dele no jornalismo: o Triboulet fazia sucesso e incomodava muita gente também. Enquanto ele foi editor, o Harden-Hickey acabou se envolvendo em 42 processos judiciais, foi multado em mais de 300 mil francos, e ainda teve que resolver umas discussões em duelos. Coisas da época.

Em 1888, o cara que era patrono do jornal — que financiava toda a operação — morreu. Aí o Triboulet parou de circular, o Harden-Hickey largou a política e foi fazer aquilo que é um clássico do jovem rico europeu: viajar o mundo.

Ele terminou o casamento dele e deixou os filhos (um menino e uma menina) aos cuidados de um amigo jornalista, o conde de la Boissière.

**Martin Kämpf:** Numa viagem pra Ásia, ele teria saído da Europa e passado pela ilha da Trindade, né, então... E teria... o que se estima é que

provavelmente ele já sabia dessa história da lenda do tesouro também, que foi um atrativo adicional.

**Bárbara Rubira:** O Harden-Hickey tava embarcado no Astoria, um navio mercantil inglês rumo à Índia. Se foi a caça ao tesouro, ou só as condições climáticas, eu não posso te dizer com certeza, mas por algum motivo, o capitão decidiu atracar brevemente na Trindade.

O que se conta é o seguinte: do Astoria, um pequeno barco foi enviado à terra firme. Nele, tava o Harden-Hickey, que desembarcou na ilha.

A gente não sabe em que momento ele ouviu falar da ilha. Das cabras do Halley, do João da Nova, do império brasileiro. Porque aquela ilha teoricamente tinha dono.

Mas ele resolveu discordar de tudo isso. Se nem os portugueses, nem os ingleses tinham feito uma colônia na ilha... ele considerou que ela era terra de ninguém.

E se era de ninguém... podia ser dele. Por que não?

Diz que antes de ir embora, ele fez uma bandeira improvisada e fincou ali mesmo, na praia. Daí a viagem seguiu até o destino, seguindo o trajeto planejado até a Índia.

O Harden-Hickey voltou pra Paris e conheceu uma mulher chamada Annie Harper Flagler. Em 1891, ele e a Annie se casaram em Nova York, onde eles foram morar. O casamento pode ter sido motivado pela paixão mais arrebatadora, mas fato é que, de quebra, o Harden-Hickey ganhou um sogro magnata. O pai da Annie era o John Flagler, um industrial americano que fundou a National Tube Company, que produzia, de forma coerente com o nome, tubos e canos.

Consta que depois do casório, o Harden-Hickey passou uns anos quieto, sumido. Nesse tempo, ele escreveu e publicou um livro sobre suicídio. Mas não se ouvia falar muito nele por aí. Pouca gente sabia da visita dele à ilha, da bandeira, da mudança muito sutil no mapa-múndi que ele tinha promovido por conta própria.

Só que a calma não durou muito. Agora ele tinha a grana do sogro à disposição. E, em algum momento, ele resolveu que era a hora de começar a colocar em prática os planos dele pra Trindade.

**Martin Kämpf:** Dinheiro não faltava pras, pras ideias dele. E então um amigo dele, o conde de la Boissière, francês, ele foi nomeado como chanceler desse reino, então.

**Bárbara Rubira:** O Conde de la Boissière, aquele amigo com quem ele tinha deixado os filhos antes de partir pelo mundo.

**Martin Kämpf:** E se constituiu uma chancelaria em Nova York de todos os lugares, né, então... (risos)

**Bárbara Rubira:** Uma chancelaria de verdade. Um escritório diplomático em Manhattan. E, pra confirmar a realza, ele tinha que espalhar a notícia. Em novembro de 1893, o Harden-Hickey foi parar na capa do New York Tribune. O texto diz assim:

*"Se os planos do Barão James A. Harden-Hickey forem executados, haverá uma nova nação criada na face da Terra até a próxima primavera. Parece um empreendimento notável, mas o Barão Harden-Hickey está confiante de que pode ser realizado com sucesso e com a mesma facilidade de muitas outras conquistas notáveis e aparentemente impossíveis. Ele não se propõe a derrubar nem dividir nenhum governo estabelecido. Ele não vai invadir o território de ninguém ou interferir nos direitos de ninguém. Ele encontrou um lugar onde ninguém mora, que, segundo ele, ninguém possui e que não é reivindicado entre as posses de nenhuma nação existente."*

**Martin Kämpf:** E o chanceler dele, então, o conde de la Boissière, ele preparou uma carta supostamente às grandes potências da época, colocando então em conhecimento que a ilha da Trindade, havia, né, seria então o Principado do James I, aí pedindo o reconhecimento então das grandes potências a esse novo reino, né?

**Bárbara Rubira:** E como é que isso foi recebido? Que notícia a gente tem?

**Martin Kämpf:** Então, apesar do próprio Chanceler em outro momento dizer que algumas das potências teriam reconhecido, não há registros de fato, que alguém se pronunciou. Até procurei no arquivo britânico e os britânicos simplesmente ignoraram o pedido. Da mesma forma, eles fizeram um pedido para o União Postal, sediada na Suíça, pelo reconhecimento, como um novo país, de ter direito a emitir selos. E também foi totalmente desconsiderado o pedido. Mas como ele era o genro dum magnata americano, tinha certa proeminência na sociedade americana, então ele volta e meia aparecia nos jornais, mesmos jornais grandes como o New York Times.

**Bárbara Rubira:** Poucos meses depois dessa matéria no Tribune, começou a sair nos jornais a notícia da proclamação do Principado da Trindade.

Foi em junho de 1894 que a história apareceu pela primeira vez no New York Times. O texto é bem curioso.

Começa narrando um encontro do repórter com um marquês, no caminho da redação pra casa, passando pela Quinta Avenida. O marquês ajuda o repórter a

acender um cigarro, e eles batem um papo meio aleatório que, em certo ponto, chega ao tema da realeza.

Aí o marquês para, no meio da 34ª Avenida, e tira um papel do bolso. E pede pro repórter ler, em voz alta.

*"O principado da Trindade"*

O documento que tava no bolso do marquês começa descrevendo a geografia da ilha, a localização... Conta de expedições anteriores — inclusive aquela do Halley com as cabras —, fala das tartarugas e dos pássaros nativos, do tal tesouro... até que:

*"O príncipe soberano da Ilha da Trindade é o Barão Harden-Hickey, que há 3 anos desposou-se com a filha do senhor John H. Flagler, rica herdeira norte-americana"*

Aí o texto conta um pouco do currículo do Harden-Hickey e da viagem em que ele acabou por se deparar com a ilha.

*"Após 5 anos de estudos e maduras deliberações, o Barão tomou posse da ilha formalmente em setembro de 1893, e proclamou a ele mesmo príncipe soberano, com o nome de James I. Ele anunciou oficialmente a proclamação às potências. Nenhuma nação levantou a menor objeção, e várias nações já reconheceram o novo pequeno Estado. De certo nenhum governo tinha o direito de desempenhar o papel de cão de guarda".*

Ninguém se opôs e várias nações já reconheceram o principado. Tá...

*"O príncipe adotou como forma de governo uma ditadura militar. [...] O Principado da Trindade será uma espécie de acampamento, onde qualquer ato de insubordinação ou delito será punido com a expulsão".*

Uma ditadura militar. "Com que exército?", você me pergunta. Pois é, eu também não sei. Porque no caso, a ilha da Trindade não era habitada. Bom, tinha as cabras, mas não era habitada por gente. Não era quando o príncipe James I passou por lá, e continuou não sendo depois que ele voltou pra casa se intitulando rei. Mas a ideia era mudar isso daí:

*"Os primeiros colonos consistirão em um pequeno número de homens selecionados que vão formar a aristocracia do principado".*

Eu não preciso nem falar que esses "homens selecionados" iam ser brancos e ricos, né? Aliás, o texto continua dizendo — com termos bastante pejorativos, inclusive —

que iam ser "recrutadas" pessoas negras e asiáticas pra realizar trabalhos que "os brancos não poderiam fazer no clima tropical".

Em seguida, o documento fala da bandeira do principado: um triângulo amarelo num fundo vermelho; do idioma oficial, o francês, e sobre uma tal ordem de cavalaria – a "cruz da Trindade" – que ia reconhecer as conquistas nas artes, nas ciências, nos valores humanitários...

**Martin Kämpf:** Aí entra um pouco uma questão que alguns acham que ele na verdade era um golpista, porque ele começou a vender títulos do Tesouro da Ilha... A propaganda era se uma pessoa comprasse de, salvo engano, mil ou 2 mil dólares em títulos do tesouro, que naquela época era muitíssimo dinheiro, ela ganhava direito a uma passagem só de ida. (risos) E aí se a pessoa ficasse pelo menos 1 ano, salvo engano, na ilha, aí sim ela podia voltar.

**Bárbara Rubira:** No fim do documento, os interessados em uma expedição à ilha são convidados a escreverem ao escritório do chanceler La Boissière.

**Martin Kämpf:** Mas era um tom meio satírico, a própria reportagem mostra que não levava muito a sério, né? Apesar dele se levar a sério. Ele e o chanceler dele, né, se levavam a sério, como (risos) achavam que eram os governantes de uma ilha onde só tinha cabras e pássaros e caranguejos.

**Bárbara Rubira:** O tal documento que o repórter do New York Times leu nas ruas de Nova York foi recebido em outros lugares ao redor do mundo. Aqui no Brasil, a tradução do documento apareceu nos jornais nos meses seguintes. Mas, na esfera governamental, a proclamação do principado repercutiu muito pouco.

**Martin Kämpf:** Mas aí a gente chega à questão da ocupação britânica, que trouxe maior evidência a essa questão do principado.

**Bárbara Rubira:** A ocupação britânica. E não era aquela das cabras do Halley. Essa ocupação que o Martin Kämpf tá falando aconteceu no final do século 19. E é ela que foi o foco do trabalho de pesquisa dele no Instituto Rio Branco.

**Martin Kämpf:** Então, em 1895, em janeiro, a Inglaterra, por um lobby de uma empresa britânica de telégrafo, ela toma conta da ilha, porque a idéia era a instalação de um cabo telegráfico saindo do Uruguai que fosse conectar-se à Europa e eles precisavam de um ponto de apoio no meio do caminho. Então a Ilha da Trindade seria um ponto interessante pra eles.

**Bárbara Rubira:** Um parênteses aqui: o telégrafo transmitia códigos por meio de uma corrente elétrica. E, pra isso, precisava ter cabos conectando as estações. Então, ali no século 19, foram construídos vários cabos telegráficos submarinos enormes, atravessando oceanos mesmo. E esse seria mais um deles.

Ah, e deixando de lado um pouco a soberania supostamente reconhecidíssima do Principado da Trindade: a ilha, nessa época, era oficialmente território brasileiro.

Era 1895. O Brasil já era independente e já era república. Mas, pra variar, o país tava passando por um momento bem conturbado. Só três meses antes, tinha assumido o Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil. E ele assumiu uma bucha. Pegando o posto depois dos marechais, ele tinha que arrumar a casa política e economicamente.

A relação do Brasil com a Grã-Bretanha também não era das melhores: tavam rolando há tempos umas tretas na fronteira com a Guiana, e um sentimento anti-inglês vinha crescendo depois de outros imbróglis territoriais entre os países. E aí veio essa história do cabo telegráfico.

**Martin Kämpf:** Então eles queriam criar essa rota alternativa a uma linha que já existia do Brasil, um cabo submarino do Brasil até a Europa. Mas a questão é que a empresa que era dona desse cabo estava no final da sua concessão, que tinha sido dada pelo Dom Pedro II, e o Brasil, pelo contrato que tinha sido estabelecido na época, podia exercer o direito de comprar essa linha telegráfica. Então, caso o governo brasileiro comprasse, ele ficaria com o monopólio do tráfego telegráfico entre praticamente boa parte do continente sul americano com a Europa. E isso, né, era contrário aos interesses da empresa britânica, e também contrários aos interesses geopolíticos aí da Inglaterra. Então seria interessante para eles terem uma outra linha que também, caso essa linha se mostrasse viável, ela diminuiria o valor da linha que o Brasil teria. Então seria um bom negócio pros britânicos e um mau negócio pro Brasil. Então essa ocupação aconteceu sem ter sido anunciada, né. O governo britânico mandou um navio da Marinha, eles tomaram posse da ilha, botaram a bandeira e foram embora. Não deixaram registro, não comunicaram, né, pra imprensa, não divulgaram essa notícia.

**Bárbara Rubira:** E foi assim que a Ilha da Trindade foi reivindicada mais uma vez. Mais uma bandeira colocada na surdina. Pelo menos dessa vez os britânicos não levaram mais uma espécie invasora.

**Martin Kämpf:** E essa notícia foi conhecida quase seis meses depois, em junho. Somente que, quando já estavam na iminência de uma troca no governo britânico, ia sair um governo liberal e retornar um governo conservador que tinha características menos favoráveis à aquisição de novos territórios. E eles preferiam ter a influência, mas não apostam num território novo. E aí, na iminência dessa troca, saiu essa notícia na imprensa britânica. Era uma nota pequena na imprensa e anedótica também, dizendo que o próprio tom meio jocoso da notícia, dizendo que era um novo território para o Reino Unido, mas que não ia para o isso não ia agregar muito, mas já falava que possivelmente

havia um tesouro lá e até "ah, quem sabe o governo quer procurar o tesouro que tá na ilha também".

**Bárbara Rubira:** A notícia, a princípio, passou meio despercebida pelos diplomatas brasileiros na Inglaterra. Mas adivinha quem tava de olho?

**Martin Kämpf:** O primeiro a reagir a essa notícia foi o chanceler do James. (risos) Que numa reportagem do New York Times, então, se pronunciou, já achando um absurdo a ocupação pelos britânicos...

**Bárbara Rubira:** A reportagem do New York Times é de junho de 1895. O Conde de la Boissiere diz que o Harden-Hickey ainda não tava sabendo do acontecido — ele tava do outro lado do país, na Califórnia. E o chanceler só via duas saídas: guerra ou diplomacia.

**Martin Kämpf:** E o governo brasileiro só foi se manifestar quase um mês depois, foi no mês de julho. Também sabendo pela imprensa quando um jornal britânico que ficava no Rio de Janeiro, republicou essa notícia. Então, aí foi que a chancelaria brasileira de fato tomou ciência desse episódio. Então, a partir de então, começou toda uma operação diplomática para primeiro confirmar de fato a notícia e depois toda uma negociação para reaver a ilha.

**Bárbara Rubira:** O Chanceler da Trindade também tava trabalhando: em julho, ele mandou uma carta às potências da Europa e ao Departamento de Estado americano pedindo providências. Aos americanos, ele invocou a Doutrina Monroe, que estabeleceu a não-interferência europeia no continente americano.

**Martin Kämpf:** E o secretário de Estado norte americano nem tomou conhecimento da carta dele. Consultado pela imprensa, ele disse que não conseguia ler a letra que na carta foi escrita. E a imprensa fez uma festa em cima dessa questão (risos). O que se comenta é que esses episódios se deram principalmente no mês de agosto nos Estados Unidos, um mês onde tinha poucas notícias, porque o Parlamento não se reunia, então tinha pouca... eles chamavam de silly season, uma temporada meio boba, no qual as notícias pouco relevantes ganhavam mais peso porque o jornal não tinha muito que mostrar de notícias mais sérias. E com isso o New York Times, ele virou meio que o Diário Oficial do Harden-Hickey. Então ele começou a publicar quase que semanalmente notícias ou o que que o chanceler estava pensando, o próprio príncipe da Ilha da Trindade pensava da questão. E isso levou até que alguns jornalistas do New York Times fossem condecorados pelo chanceler com a medalha da Ordem da Trindade (risos).

**Bárbara Rubira:** Apesar de toda essa cobertura do New York Times, ninguém levava o Harden-Hickey a sério. Nenhuma autoridade deu bola. E o período de cobertura extensa nos jornais também não tinha como durar pra sempre. Acabou a



silly season, voltam as notícias sérias da política americana. E o Harden-Hickey e o principado foram sendo esquecidos.

**Martin Kämpf:** O fato é que, alguns anos depois, essa— toda essa questão na Ilha da Trindade teve seu desfecho favorável ao Brasil.

**Bárbara Rubira:** Em agosto de 1896, a questão diplomática foi resolvida. O governo britânico reconheceu a soberania brasileira sobre a Ilha da Trindade. Na briga entre a jovem República brasileira e o poderoso Império britânico, o triunfo foi daquele que, à primeira vista, podia ser considerado o mais fraco.

Não teve guerra, só negociações mesmo. E um envolvimento do governo português. Eu não vou entrar nos pormenores aqui, mas é nisso que o Martin Kämpf se debruça na obra dele. Se você quiser saber mais, no site da Rádio Novelo você encontra o link pro livro dele.

Em 1897, a Marinha brasileira ergueu um marco de posse na Ilha da Trindade, com a inscrição: “O direito vence a força”.

Hoje, a ilha ainda é território brasileiro.

**Martin Kämpf:** A Marinha tem uma base permanente na ilha, há uma visita constante também de pesquisadores. Então tem navios da Marinha que fazem esse contato regular com reabastecimento da ilha. E há um rodízio tanto do pessoal da Marinha que fica lá quanto de pesquisadores que ficam lá, biólogos, enfim, diversos tipos de cientistas que ficam fazendo pesquisas com a fauna, flora, enfim, da ilha.

**Bárbara Rubira:** E o Barão Harden-Hickey — ou o Príncipe James I — não conseguiu ir muito adiante com os planos dele de colonização, ditadura militar e ordem de cavaleiros.

Nos anos que se seguiram à ocupação britânica e à disputa diplomática, o Harden-Hickey caiu em depressão. A Trindade era pra ele — pra usar um termo em francês — o joie de vivre. Alegria de viver. Perder o principado e ter sido ridicularizado publicamente por tanto tempo machucaram ele profundamente.

Ele continuava casado, mas via muito pouco a esposa e os filhos, que tavam sempre longe. Financeiramente, ele também passou por maus bocados. Ele precisava vender as terras que ele tinha, mas não conseguia encontrar comprador pra elas. E, por fim, ele brigou com o sogro, que cortou a grana.

Em fevereiro de 1898, aos 43 anos, James Harden-Hickey se suicidou, num hotel no Texas. Na suíte, do lado dele, encontraram uma carta, endereçada à esposa... e, segundo o New York Sun, encontraram também a coroa da Trindade.

Poucos anos depois, em 1906, o escritor Richard Harding Davis contou a história do Barão num livro, *Real Soldiers of Fortune* (Verdadeiros soldados da fortuna, em português).

Ele descreve o Harden-Hickey como um homem "atrás de seu tempo". Nasceu na época errada. Totalmente deslocado entre os contemporâneos dele.

O Harding tem um ponto. Os sonhos de realeza do Harden-Hickey são meio anacrônicos mesmo. O fim do século 19 era o auge da "era dos Impérios", com as grandes potências disputando influências. E vamos combinar que um suposto príncipe e o chanceler dele — por mais espaço que eles conseguissem nos jornais nova-iorquinos — eles tavam longe de ser uma potência capitalista, né?

Mas quem sabe se o Harden-Hickey tivesse chegado antes na Trindade – no século 16, 17, ou até no 18 – a história não podia ter sido diferente.

Olhando daqui do futuro, o "faz de conta" do príncipe da Trindade parece absurdo. Ele chegou, viu a ilha, e pegou pra ele. Pronto, agora é minha. Mas, na verdade, isso não é muito diferente da dinâmica colonial que imperou por séculos. "Descobrir", entre todas as aspas, um lugar novo, e tomar pra si.

O Harden-Hickey chegou atrasado nessa. E talvez ele tenha confiado demais na influência que ele tinha depois dos anos dele de imprensa monarquista, com o nome e o dinheiro do sogro. Ele levou a sério demais um sonho de realeza que já tinha passado do tempo.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Bárbara Rubira, produtora do Rádio Novelo Apresenta.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Fica aqui o meu convite pra seguir o Rádio Novelo Apresenta no seu tocador de podcast preferido. Se você gosta do que a gente faz e quer dar uma forcinha, o melhor jeito de fazer isso é "engajando", como se diz por aí: dando cinco estrelas, falando da gente nas redes sociais – e fora delas também, claro...

Te convido também a visitar o nosso site, [radionovelo.com.br](http://radionovelo.com.br), que é feito no maior capricho e tem sempre material extra e referências de cada episódio. Essa semana, tem fotos que a Pâmela tirou de fósseis no museu de Santana do Cariri – e do gafanhoto que ela recusou. E tem também a bandeira e o brasão do extinto Principado da Trindade.

Se você ainda não fez isso, também recomendo demais assinar a nossa newsletter – que além de te lembrar de ouvir o episódio da semana, tem sempre dicas espertas da nossa equipe.

E, vem cá, de tanto ouvir o Apresenta, você pensou numa história pra gente? Manda! O nosso email é [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Gabriela Varella, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos e pelo Gilberto Porcidonio. A Mariana Leão colaborou na montagem. A Paula Scarpin fez o desenho de som. Nesse episódio a gente usou música original de Vitor Rodrigues Dias e, também, da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro. O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho. Obrigada, e até a semana que vem.